


ELAS ESTÃO DE VOLTA AO LAR





**CRIDA PARA SER
INDEPENDENTE**
*Com três filhos, dois deles
gêmeos, a psicóloga
Camila Garcia, 29 anos,
decidiu não voltar ao
trabalho: "Minha
mãe tinha outros sonhos
para mim, mas estou,
por ora, realizada"*

Com bom currículo e trajetória ascendente, um crescente grupo de brasileiras chama atenção por deixar o emprego para se dedicar aos filhos — na contramão das gerações anteriores

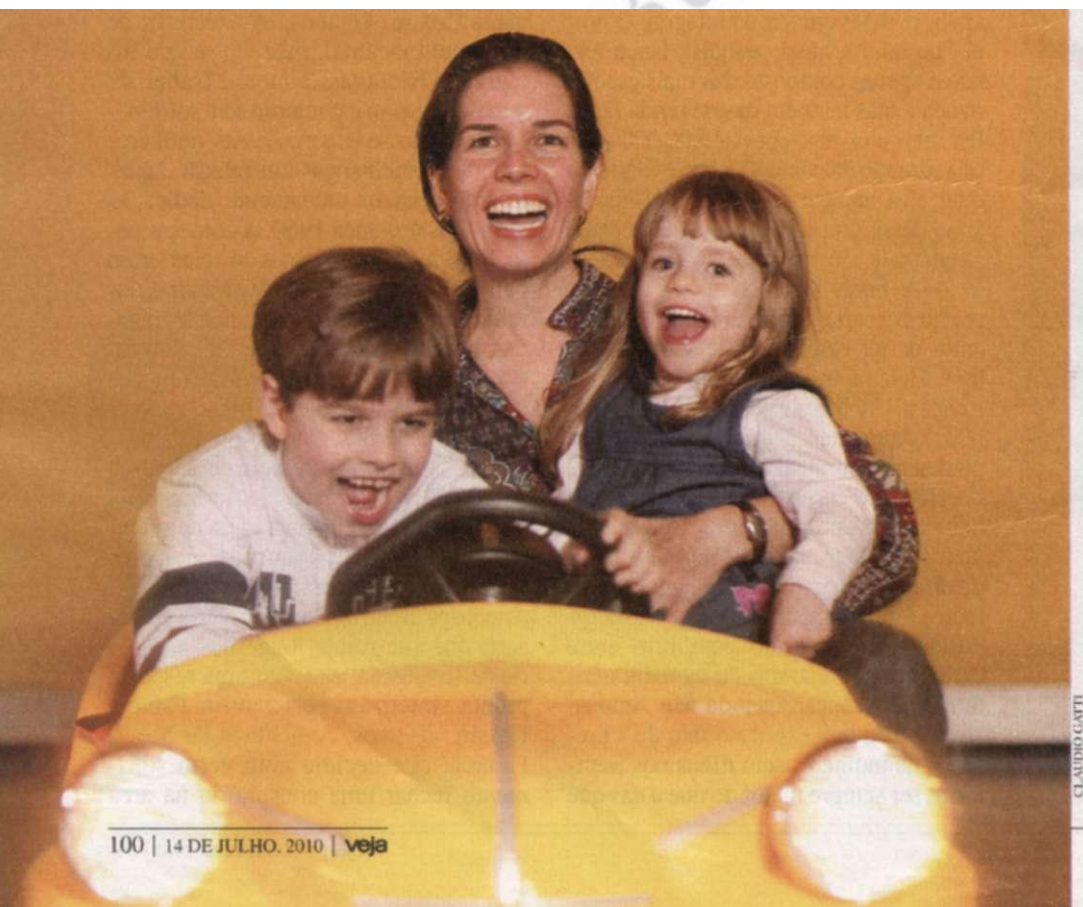
ROBERTA DE ABREU LIMA E SILVIA ROGAR

De posse de currículo envernizado por carimbos de boas universidades e em meio a uma carreira que, não raro, segue trajetória ascendente, um grupo de mulheres brasileiras tem chamado atenção por uma recente e radical mudança de comportamento. Na contramão de suas antecessoras, que lutaram por décadas para fincar espaço num universo eminentemente masculino, elas estão hoje abdicando do trabalho para cuidar única e exclusivamente dos filhos — opção não livre de conflitos, mas que boa parte delas descreve como "libertadora". Um novo levantamento, conduzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que, na última década, cresceu em nada menos que 26% o número dessas mulheres que, às voltas com a maternidade, decidiram abandonar o emprego. Como em outros países, onde se dá o mesmo fenômeno, elas já ganharam até apelido: mães em tempo integral. O grupo, ao qual a atual pesquisa lança luz, não é apenas composto das mais escolarizadas, mas também das de renda familiar mais alta, algo superior a 8 000 reais (já retirando da conta o próprio salário do qual elas abdicaram). Típica representante desse grupo, a brasiliense Luciana Guimarães, 36 anos, cumpria jornadas de doze horas de trabalho no departamento de marketing de um grande banco antes de ter o segundo de seus dois filhos. Helena, hoje com 3 anos. Resume Luciana: "A maternidade foi uma experiência tão intensa que minha carreira perdeu a importância. Eslava convicta*.

Histórias como a dela são um produto recente da própria evolução feminina no mundo do trabalho — por mais paradoxal que isso pareça. Enquanto as mulheres foram galgando novas e melhores posições, o almejado equilíbrio entre carreira e filhos se tornou também mais difícil de alcançar, quando não "impossível". É o que explica o fato de a presença de mulheres sem filhos nos escritórios ser sempre maior do que a das que

já são mães, em todas as faixas etárias", analisa a pesquisadora Maria Lúcia Vieira, do IBGE. Segundo um abrangente estudo feito pela consultoria Sophia Mind, o principal motivo alegado por elas para o abandono da carreira diz respeito justamente à sensação de que não conseguiriam incumbir-se da dupla tarefa. Isso é agravado por algo para o qual a antropóloga Mirian Goldenberg, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, chama atenção: "Com elevado padrão de exigência sobre elas próprias, essas mulheres acham que estão dando sempre pouco aos filhos e não veem outra saída senão deixar o trabalho para trás". Uma atitude que não é irracional, mas muito bem planejada. Tendo boa formação num país com grande escassez de mão de obra especializada, a maioria afirma abandonar seu emprego com a segurança de que um dia vai se recolocar. Sim, elas pretendem voltar à labuta, só que com os filhos mais crescidos. Diz a carioca Luciana Coxon, 41 anos, ex-executiva de uma multinacional, mãe em tempo integral de Nicholas, 2 anos, e Isabel, de 4 meses: "Sei que o retomo será sofrido".

Que não se espere dessas mulheres grandes semelhanças em relação àquelas que viviam unicamente dedicadas aos filhos nos anos 1960. A começar pelo fato de que, no passado, elas eram barradas num mercado de trabalho dominado pelos homens e estavam fadadas, necessariamente, às tarefas domésticas (incluindo o rol inerente às funções de mãe). Desde então, a visão sobre a própria maternidade mudou drasticamente. "Ter filhos deixou de ser uma obrigação social para se tornar uma opção muito vinculada à ideia da plenitude — experiência que as mulheres querem viver intensamente", explica a psicóloga Beatriz Cardella. Para quem acha que sua rotina longe dos escritórios é sossegada, elas têm uma resposta pronta, sintetizada pela paulista Fabíola Kassin, 40 anos, com filhos de 5 e 7. Fabíola, que decidiu com certo sofrimento fechar uma consultoria na área



"PRECISEI TER CORAGEM PARA PARAR"

Não foi simples para Luciana Guimarães, 36 anos, largar o cargo de executiva num grande banco. Ela tomou a decisão às voltas com a segunda gravidez, de Helena (à dir.), hoje com 3 anos: "Não me arrependo, mas sinto falta dos desafios intelectuais"

"MONOTEMATICA, NAO!"

A paulista Fabíola Kassin, 40 anos, deixou a sociedade numa empresa de consultoria porque se sentia frustrada com o pouco tempo que tinha para os dois filhos, May: de 5 anos (à esq.) e Ianly, de 7: "Eu me esforço para não ficar restrita ao mundo infantil!"

CLAUDIO GATTI



ELA FUGIU DA DUPLA JORNADA

Como executiva de uma multinacional, a carioca Luciana Coxon, 41 anos, viajava cinco vezes por ano ao exterior antes de ser mãe: "Com dois filhos pequenos, uma rotina assim seria inviável"

de consumo, descreve seu atual dia a dia em tom de profunda exaustão: "Acordo às 6 da manhã, pratico corrida, levo meus filhos para as aulas e ainda almoço com ex-colegas, para acompanhar um pouco do que está acontecendo no mercado". É extenuante, ela define. "Há quem me chame de perua, mas é uma injustiça!"

A decisão de abandonar o trabalho não é trivial para essas mulheres — assim como a pressão que vem depois. Em diferentes graus, vê-se sempre um conflito. "Estamos falando, afinal, de uma geração educada para trabalhar e produzir tanto ou mais que os homens", afirma a especialista americana Mônica McGrath, da Warthon School, nos Estados Unidos. A perplexidade e a indignação por parte de amigos e familiares só vêm reforçar um sentimento de frustração e culpa — que todas elas têm em certo nível — ao deixar o emprego. A

psicóloga paulista Camila Garcia, 29 anos, conta que causou verdadeira decepção à mãe, Maria Rita. 56 anos (mestra em linguística e até hoje na ativa), quando avisou que largaria o trabalho. Com três filhos, ela reconhece: "Sei que minha mãe tinha outros sonhos para mim, mas estou certa de que nada hoje me deixaria tão realizada quanto a vida que eu levo". Ela e as outras mães em tempo integral manifestam, no entanto, alguns temores com sua decisão. O maior deles é se tornarem pessoas "desinteressantes" e "monotêmicas". É verdade que elas ficam imersas nos assuntos da maternidade com tal intensidade que são capazes de feitos como listar, de cabeça, o nome de todos os coleguinhas de classe dos filhos. Algumas chegam a dedicar-se a blogs (concorridíssimos, diga-se) só para narrar os detalhes da rotina infantil. "Essa é só uma caricatura. Meu raio de interesses é muito maior", garante Camila.

Apesar da nova tendência flagrada pelos demógrafos do IBGE, os grandes números brasileiros sinalizam que a maioria das mulheres com filhos está hoje trabalhando — 60% do total. A opção de permanecer no mercado também não é livre de angústias e dúvidas. Uma pesquisa conduzida pela psicóloga Cecília Troiano, que tomou como base o depoimento de 800 mães na ativa egressas das classes A e B, mostra que 70% delas se consideram "muito sobrecarregadas" com o acúmulo de papéis. Pior do que isso: numa escala de zero a 10, tais mães definem seu grau de culpa como 7. Elas se sentem ausentes da rotina dos filhos e temem que, assim, possam prejudicar o seu desenvolvimento. De fato, a presença da mãe é decisiva para o avanço cognitivo da criança, sobretudo nos primeiros anos de vida, como já comprovou o economista e Prêmio Nobel James Heckman, no maior estudo já feito sobre o tema. O que essa e outras tantas pesquisas permitem dizer, porém, é que isso não depende propriamente do número de horas dedicado ao exercício da maternidade, mas, sim, do laço estabelecido entre a mãe e a criança. Resume a educadora Tânia Zagury: "O afeto e o bom nível de interação entre mãe e filho é que fazem diferença, não importa se ela está trabalhando — ou não".

